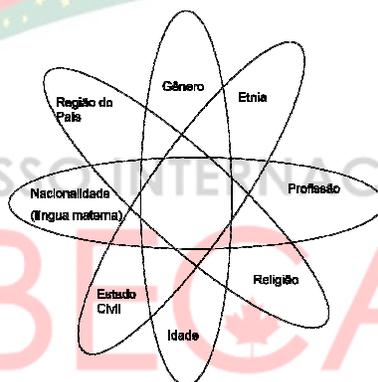


O MITO DO FALANTE NATIVO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE FUTUROS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Paula Carolina Fernandes Montenegro
Adelaide Augusta Oliveira
Universidade do Estado da Bahia

1. Introdução

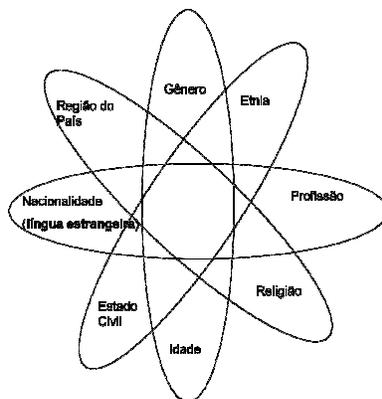
São muitos os estudos na Linguística Aplicada que abordam as identidades na pós-modernidade. Tomando como ponto de partida as três concepções de identidade de Hall (1992), este trabalho se apoia no sujeito pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas que assume identidades diferentes em diferentes momentos. Esta concepção pode ser visualizada na figura 1ⁱ abaixo, a qual representa a identidade do sujeito pós-moderno, tomada por diferentes aspectos de sua vida:



No momento em que determinado sujeito se torna falante de uma língua estrangeira, ele modifica um aspecto da sua identidade, redefinindo-a:

As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69)

Podemos ver essa redefinição de identidade representada abaixo na mesma figura proposta na figura 1:



Temos, portanto, uma nova identidade no momento em que um dado novo é inserido, modificado na constituição do sujeito.

Douglas Brown (1994) também aborda essa teoria quando fala sobre o conceito de *Language Ego*ⁱⁱ. De acordo com o autor, “quando aprendemos a usar uma L2, nós desenvolvemos uma segunda identidade, um novo modo de pensar, sentir e agir” (p. 22, tradução nossa). A língua materna é tão onipresente em nossa identidade que no momento em que me expesso em uma língua estrangeira adquiro uma nova identidade, a qual me possibilita lidar com o encontro entre a L1 (língua materna) e a L2 (língua estrangeira).

Esse encontro tem, muitas vezes, a característica de conflito. A redefinição de identidade que está ocorrendo é perturbadora, conflitante. Revuz (2002) nos diz que “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (p.217). É preciso lidar com esse encontro de forma a acomodar o dado novo, o corpo estranho, o estranho, o novo. Esse estranhamento se dá pelas diferenças trazidas pela língua estrangeira, como o próprio nome já diz, o estrangeiro – ver etimologia da palavra. O Estrangeiro que traz uma nova cultura, nova estrutura linguística, novo modo de ser e pensar, novo estilo de vida, de viver. O nativo da língua estrangeira é a personificação do estranho, do novo. De acordo com House (2008) o conceito de falante nativo seria dispensável, pois falante é aquele que vive, fala uma língua específica, mas que a partir do gerativismo de Chomsky se transformou em uma entidade dotada de uma competência perfeita, capaz de ser referência para o certo e o errado naquela língua. O estranho, personificado no falante nativo, possui a competência ideal da língua estrangeira que almejo falar e só ele poderia, portanto ser a minha referência e modelo a ser copiado.

Se pensarmos no processo de ensino e aprendizagem de línguas, esse pensamento pode ser problemático. Quando esse pensamento toma força e o falante

nativo se torna a referência, o modelo em sala de aula a ser copiado, pode causar danos em seus aprendizes. Essa entidade chomiskyana conquistou seu espaço nesse processo e gerou o que Rajagopalan chama de “apoteose do nativo” (2003). Mas esse modelo se torna inatingível no momento em que nos damos conta que tal competência pregada por Chomsky não existe. Oliveira (2010) nos diz que “seria preciso que este aprendiz nascesse de novo e em um outro local onde a língua é falada como L1 para que tal meta fosse possível” (p.21).

O modelo se torna mito. Mito infiltrado no processo de ensino e aprendizagem de línguas. As consequências desse fato são abordadas por Rajagopalan: “(...) como resultado direto de determinadas práticas em sala de aula, os alunos menos precavidos se sentiam diminuídos em sua autoestima, passando a experimentar um complexo de inferioridade” (2003, p.68). Confirmando o sentimento e abalo na auto-estima temos Brown que afirma que ao desenvolvermos o Ego de Linguagem podemos nos sentir frágeis e inibidos, afetando diretamente nossa auto-estima.

2. Pesquisa

Em se tratando de futuros professores de língua, especificamente, a língua inglesa, que irão atuar no processo de ensino e aprendizagem dessa língua, podemos nos perguntar se o mito do falante nativo ainda está presente:

- Que significados os futuros professores de inglês atribuem ao falante nativo dessa língua?
- Como esses significados interferem na construção de sua identidades?

Para a realização desse trabalho foram aplicados questionários com 26 futuros professores de inglês de um curso de formação de professores de uma universidade pública. Além de questionário foram realizadas entrevistas no intuito de confirmar e esclarecer respostas dadas no questionário.

3. Análise de dados

O questionário aplicado teve sua estrutura dividida em seções com focos específicos:

- Seção A: foco no imaginário dos participantes em relação à língua inglesa;
- Seção B: foco nos significados atribuídos ao falante nativo da língua inglesa;
- Seção C: foco na construção das identidades dos participantes.

Em relação à língua inglesa, obtivemos dados mais homogêneos que dialogam entre si. Quando perguntados se aprender inglês é uma possibilidade de acesso a um mundo melhor, 96% dos participantes disseram que sim, sendo que as justificativas alternaram entre trabalho, salário e comunicação. Quando perguntados se quem “fala inglês” é visto com superioridade, 44% disseram que sim, dado que aponta uma diversidade de pensamento, mas confirma que de alguma forma existe uma relação de superioridade entre a língua materna e a língua inglesa. As justificativas interagem com as da pergunta anterior, pois obtivemos respostas se referindo a pessoas que falam inglês como sendo mais qualificada ou tendo um diferencial.

Passando para a seção B, perguntamos se falar inglês como um nativo da língua inglesa deveria ser a meta do ensino dessa língua. Apenas 19% disseram que sim, mas é interessante notar que quando perguntados se o aprendiz dessa língua deveria fazer o possível para se aproximar da competência de um nativo, 58% concordaram. Ora, aparentemente, existe um conflito instalado no que diz respeito ao ensino da língua inglesa e a habilidade oral da mesma.

Ainda em relação à seção B, perguntamos se o falante nativo da língua inglesa deveria ser o modelo de ensino e 42% responderam que sim. No entanto, ao serem perguntados se o aprendiz de língua inglesa poderia alcançar a competência de um nativo, 36% desses entrevistados responderam que isso era impossível. Confirmado a análise acima, essa constatação vem somar ao conflito identificado. Apesar de responderem que o falante nativo da língua inglesa deva ser o modelo de ensino, eles sabem que isso não é possível, pois de alguma forma assimilaram esse conhecimento no curso de formação. No entanto, o mito do falante nativo é tão forte que ainda está presente em seus imaginários.

Na seção C, encontramos resultados bastante interessantes. Nenhum dos participantes admite se sentir inferior por não falar como um nativo, assim como ninguém admite ter problema em ensinar inglês sem ter a competência de um nativo. No entanto, 38% dos entrevistados acham que o professor de inglês deve ter a competência de um nativo dessa língua. Inevitavelmente nos perguntamos como eles estão lidando com a construção de suas identidades enquanto falantes da língua inglesa como língua estrangeira e futuros professores dessa língua.

Além disso, 88% dos participantes admitem sentirem-se confortáveis em falar com a pronúncia de um não nativo. No entanto, 56% admitem preferência em expressar-se pela

escrita. A não preferência pela oralidade revela algum tipo de desconforto não expresso no questionário.

4. Considerações Finais

A partir desse trabalho realizado com futuros professores de inglês de uma universidade pública, podemos perceber como a identidade desses futuros professores vai sendo construída no processo de formação profissional. O conflito, aparentemente, não revelado no questionário, vem à tona em outras ocasiões, deixando transparecer o mito do falante nativo interferindo na construção de suas identidades enquanto futuros professores de inglês. A força do mito está presente e não parece diminuir com o tempo. Apenas encontramos mais estratégias presentes em lidar com o diferente. Os dados revelam consciência em relação a pesquisas e estudos na área de ensino de uma língua estrangeira, no caso o inglês, mas esses dados parecem surgir no intuito de mascarar a presença do mito, que, aparentemente, não quer ser mostrado.

ⁱ *Culture Star* - Adaptado de: HOLLIDAY, A.; HYDE, M; KULLMAN. J. *Intercultural communication: an advanced resource book*. London; New York: Routledge, 2004. por Adelaide Oliveira.

ⁱⁱ Language Ego

Referências

- BROWN, Douglas (1994). **Teaching by principles**. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALL, Stuart (2011). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOUSE, Juliane (2008). What Is na 'Intercultural Speaker'? In: SOLER & JORDÀ (ed.). **Intercultural Language Use and Language Learning**. Springer (p.7 –p.21).
- OLIVEIRA, Adelaide (2010). Cultura e identidade do falante de L2. In: RIOS, Márcia (Org.) **Língua e Literatura: na trama da formação**. Salvador: EDUNEB.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2003). **Por uma lingüística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial.
- RAJAGOPALAN, K (2002). O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras.
- REVUZ, Christiane (2002). A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras.